

A literatura de romance catarinense sob um olhar de ditadura e repressão: Salim Miguel e “A Voz Submersa” –
Bárbara Pilz

**A literatura de romance catarinense sob um olhar de ditadura e repressão: Salim Miguel e
“A Voz Submersa”**

Bárbara Pilz
barbarapilz@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: O romance “A Voz Submersa” foi escrito por Salim Miguel em 1983. Retrata a sociedade brasileira no período da ditadura militar a partir da personificação da nação na figura de uma mulher, Dulce, caracterizada por pensamentos alucinatórios que alternam entre o limiar do real e do fantasioso. A obra se utiliza de recursos como a memória, o discurso, a anacronia e a identificação de gênero para trazer à tona as principais angústias e sentimentos sociais vividos pelos brasileiros, a partir dos anos 1968. Retrata, portanto, a conjuntura político-social do momento vivido de forma extremamente implícita entre os meandros de uma narrativa densa. Este artigo analisa como a literatura catarinense, por meio da obra em questão foi capaz de utilizar recursos diferentes da análise histórica factual para transmitir críticas e tratar das relações de gênero de maneira consistente, subliminar e esclarecedora.

Palavras-chave: ditadura, repressão, literatura, romance.

ABSTRACT: The novel “*A Voz Submersa*” (The Submerged Voice) was written in 1983, by Salim Miguel. It depicts the Brazilian society during the military dictatorship using a woman called Dulce as the personification of the nation itself. The main points of this woman’s behavior are her hallucinatory thoughts that cross back and forth the lines between real and fantasy. The resources used in this book are related mainly with memory, discourse, anachronism and gender identification to show the main afflictions and social feelings of the Brazilian people after the 1968s. The book also seems to intend to make a “portrait” of the social and politics conjecture of that country using a deep narration style. This article looks at the literature written in Santa Catarina as an instrument capable, through the book “*A Voz Submersa*”, of using another features besides historical analysis to convey factual criticism and elucidate gender relations in a consistent, subliminal and informative way.

Keywords: dictatorship, repression, literature, romance.



A literatura de romance catarinense sob um olhar de ditadura e repressão: Salim Miguel e “A Voz Submersa” –
Bárbara Pilz

Salim Miguel nasceu no Líbano em 1924 mas logo cedo se mudou com sua família para o Brasil. Cresceu entre as cidades de Biguaçu e Florianópolis, em Santa Catarina. Integrou o Grupo Sul, movimento modernista de arte. Além de escritor foi também jornalista. Integrou a Agência Nacional de Santa Catarina, a Editora UFSC e a Fundação Franklin Cascaes. Entre outras premiações, foi vencedor do Prêmio Machado de Assis, o Troféu Juca Pato, e o Prêmio Zaffary-Bourbon. Escreveu mais de trinta livros entre contos, romances e ensaios.

As obras de Salim Miguel são sempre muito dotadas de conteúdo humano e emoções vorazes. Nas considerações trazidas na orelha dos exemplares da primeira edição de seu romance “A Voz Submersa”, Octávio Rodrigues de Campos destaca a linguagem viva que o autor utiliza ao escrever. Maria de Lourdes Teixeira aponta o estilo impressionista de Salim Miguel, Antonio Simões Jr enfatiza as capacidades de narrador do escritor e Almiro Caldeira se impressiona pelos jogos temporais montados nas obras.

Seu romance de 1984 “A Voz Submersa” intenta, segundo a editora, fazer uma “radiografia da sociedade brasileira a partir de 1968”. A classe social dominante é o pano de fundo. Diversos setores da vida comum são abordados, a política, a economia, a reação da sociedade, os sentimentos do indivíduo. A estória divide-se em dois planos de diferentes locações; os acontecimentos no Rio de Janeiro, eclodidos pela morte de um estudante no período da ditadura militar, e as lembranças da personagem principal, Dulce, do período em que vivia em Florianópolis.

Um dos recursos mais recorrentes na narrativa é a memória, todos os sentimentos da protagonista são relacionados a seu passado e podem ser extrapolados como uma análise de memória social. Esta mesma estrutura ainda pode ser percebida no jogo de indefinição entre momentos temporais e a não existência de uma não sequencialidade cronológica precisa ao passar dos acontecimentos.

Esta ficção de Salim Miguel também se utiliza da possibilidade de mesclar elementos do imaginário e do real em seu contínuo. Ele une acontecimentos históricos a memórias e divagações de uma personagem central que detém como principais características, além de um comportamento inquieto e horrorizado, o transbordamento da solidão.



A maneira como a narração é empregada se mostra como um fator extremamente explorado em “A Voz Submersa”, ora pelo monólogo de Dulce ou pela intercalação entre um narrador onisciente, cúmplice e até mesmo interventor. A obra não possui uma mensagem explícita, seu desenvolvimento é denso e requer um exercício, por parte do leitor, de compreensão e transcendência do implícito.

A iniciativa de analisar este livro se deu pelo interesse sobre os diversos meandros e recursos literários utilizados pelo autor para escrever um romance lotado de instrumentos e acontecimentos cotidianos a fim de fazer um retrato da sociedade brasileira de maneira análoga ao período da ditadura. Dessa forma o autor conseguiu analisar aspectos tanto da repressão quanto das relações de gênero inseridas ao ambiente político.

Pretende-se breve explicitar os principais pontos do enredo para descobrir as relações tácitas da narrativa com nosso tema de análise. A presença da repressão e do contexto histórico ditatorial vêm atrelada à imagem feminina em diversos níveis através tanto da personagem principal Dulce, como na da mãe e das cunhadas. Os estereótipos e atribuições masculinas também estão fortemente presentes na construção das personagens: no marido de Dulce, Silvio, no pai dela, seu sogro e até mesmo em seu vizinho no sul, Seu Doca.

As exposições aqui presente tem o objetivo de provar que a literatura de ficção, em forma de romance pode servir tanto de instrumento de análise política e conjuntural de uma sociedade como de pesquisa histórica. Utiliza-se aqui o recorte histórico do período ditatorial no Brasil, entre os anos de 1964 e 1985, sob uma perspectiva de gênero.

O período do regime militar no Brasil teve início em março de 1964 com um golpe de Estado que derrubou o atual presidente João Goulart do poder. Já o fim da ditadura se deu com a eleição legítima de um presidente civil, Tancredo Neves, vinte e um anos depois, em 1985. No interstício destes anos o regime imposto foi regulador, sendo que a tortura e a repressão foram constantes na tentativa de extinguir movimentos sociais e manifestações opositoras.

Os direitos políticos dos cidadãos que não pactuavam com as regras vigentes foram cassados, a censura aos meios de comunicação, às artes e à cultura de uma maneira geral persistia em ser aplicada. A legitimação do regime se dava principalmente pelo alto crescimento



econômico, e o período ficou conhecido como de “milagre” neste setor. Movimentos de guerrilha e oposição emergiram principalmente ligados à esquerda política, e os militares, dotados do poder político do país, combatiam estes grupos sob o argumento, muitas vezes utilizado, de eliminar a traição subversiva à ordem vigente.

ENREDO

Para compreender as nuances contidas em uma obra literária é necessário conhecer minimamente o ambiente do qual ela trata. Todas as relações e analogias descritas a seguir não estão explícitas no enredo do livro, são fruto de uma leitura de olhar direcionado juntamente com a compilação de referenciais teóricos em forma de resenhas, críticas e análises.

De maneira sinóptica o livro trata de uma personagem fictícia chamada Dulce que após presenciar a morte de um estudante pela polícia durante o período da ditadura militar no Brasil procura conversar com sua mãe pelo telefone sobre suas angústias e anseios. Ela também recorre a seu analista e narra sua relação com ele à mãe. Trata-se de uma sequência de reflexões profundas sobre a vida da personagem e dos entes que a cerceiam. Apesar do episódio da morte do estudante nenhum fato concreto parece acontecer no plano de desenvolvimento cronológico e presente narrativo do livro.

A obra é dividida em três capítulos principais: “Tumentendes”, “Arremates” e “A fuga (in)desejada”. A primeira parte é a mais extensa e densa da obra, marcada por um longo monólogo de Dulce, a personagem principal, que alterna entre possíveis lembranças e acontecimentos contemporâneos de sua vida, sendo que ela não tem percepção nítida nem discernimento para definir o limiar entre realidade e alucinações. A solidão é uma questão incitada de forma dramática, tanto no âmbito individual como no coletivo a partir da definição dos traços das demais personagens citadas no livro, feita pela interlocutora. Esta relação pode ser extrapolada como a necessidade de transparecer as angústias, insatisfações e o vazio de sentimentos vivido pela sociedade como um todo no período retratado. A escrita ofegante, sem pontuações, repetitiva e difusa é um instrumento de caracterização das emoções da personagem.



A literatura de romance catarinense sob um olhar de ditadura e repressão: Salim Miguel e “A Voz Submersa” –
Bárbara Pilz

O segundo capítulo é marcado pela mudança de postura do narrador, ele parece “tomar a fala” da personagem, diminuindo sua distância do ambiente narrado e tentando organizar minimamente as ideias e a narrativa. Esta parte é dividida em sete subseções que trazem diferentes perspectivas do desenrolar das memórias, são elas: “A perseguição”; “Daquelas pestes (depoimentos)”; “A família dele”; “Os queridos diabinhos”; “Retrato ao espelho”; “Na ilha – o bom-do-papai” e “Um passeio”. Dentre outras abordagens, neste momento são trazidos ao primeiro plano da narrativa os personagens secundários; os pais de Dulce, o marido e os filhos. A fala das personagens e do narrador se interpenetram semântica e incessantemente, o que mostra novamente a confusão entre os diversos planos, de discurso, de temporalidade, de personalidade, trazidos por Salim Miguel.

A terceira e última parte serve como retomada do ponto final da primeira, após o fim da ligação entre Dulce e sua mãe, o narrador assume o discurso em voz única e desenrola um diálogo afetivo com a personagem. Esta afetividade novamente pode ser extrapolada para o plano da sociedade como um todo e principalmente no que concerne à ideia de nação, personificada na figura de Dulce. As ambiguidades continuam, as vozes submersas e as diferentes visões do mundo presente (explicitadas na segunda parte) se mantêm implícitas.

Na narrativa como um todo podemos relacionar os fatores político-sociais com o que, como apontado por Edda Arzua Ferreira se configura como um “verdadeiro paradoxo”:

[...] uma voz que em sendo "submersa" ecoa bem alto dentro de nós, incomodando-nos, espicaçando-nos, pois ao mesmo tempo em que faz emergir em cada um de nós os nossos próprios fantasmas, coloca-nos questões igualmente graves sobre a realidade sócio- econômica-política do nosso país.¹

RELAÇÃO COM A REPRESSÃO E EXPRESSÕES DE GÊNERO

O romance “A Voz Submersa” é escrito sobre o pilar da memória. As memórias da

¹ FERREIRA, Edda Arzúa. A voz submersa. **Travessia**, Florianópolis, v. 4, n. 10, p.81-92, 03 jul. 1985.p.86



personagem principal trazem a tona as lembranças da sociedade brasileira como um todo no período da ditadura. Cada elemento sutil incluído no enredo tem uma forte relação com a configuração política e social da época. O primeiro item que já é passível de extrapolação, ou seja, de uma análise e interpretação que transcendem o procedimento da divisão da narrativa em partes, é a estrutura de separação dos capítulos e como cada um deles é apresentado pela narração, feita não por acaso mas com o intuito de politizar ainda mais o romance.

A figura do narrador é sempre inconstante, sem controle da organização de seus pensamentos. Ora quem narra é a personagem principal, Dulce, imersa em seus problemas e dilemas que parecem ser estritamente pessoais, ora o autor toma para si o papel de narrador onisciente. Assim se mostrava a sociedade brasileira no início do regime militar: ideologias segregadas, incertezas e problemas transbordantes. Por um lado, parcela da sociedade exprimia grande passividade perante às atrocidades de um regime repressivo, por outro, uma outra parte organizava-se para detê-lo por meio de movimentos pacíficos ou até, e principalmente, armados.

A forma de discurso empregada também pode nos mostrar muito sobre o que Salim Miguel percebia sobre o ambiente da administração do governo brasileiro por militares. A escrita e a fala são confusas ao longo de todo o livro, a pontuação torna as frases ambíguas e as ideias permeiam entre o âmbito imaginário e o real. No Brasil da década de 1960, a comunicação livre e o acesso à informações não travestidas eram escassos. Com o advento da censura implementada pelo regime, toda informação veiculada em meios oficiais e acessíveis tinha a auditoria e o aval do sistema vigente. Isto enchia os ouvidos da população de fatos, ações e notícias contraditórias, censuradas, incompletas e até mesmo falsas. Não era possível discernir claramente o que era confiável ou não. Assim o pensamento crítico em prol do rechaço ao regime se desenvolveu de forma restrita.

Outra característica latente na escrita do autor em “A Voz Submersa” é a fala não personificada, a alternância de foco entre a personagem principal e o narrador como detentor da fala, o que alude à necessidade de permanecer “desconhecido” e “invisível” perante aos mecanismos de repressão da oposição ao sistema burocrático-autoritário do Brasil a partir de 1964. A obra:



[...] inicia-se com uma imagem que retoma a história política do país: o assassinato de um estudante pela polícia no Rio de Janeiro, no auge da ditadura militar. À violência do acontecimento, à correria, à balbúrdia e à multidão, contrasta-se uma personagem atônita. [...] A problematização do tempo e do espaço, a polivalência de vozes narrativas, o desnorteamento da personagem e uma preocupação e denúncia social [...]²

Esse é o cerne de desenvolvimento da trama. A angústia gerada em Dulce, após presenciar um assassinato, é o germe das reflexões subsequentes, ela mostra necessidade de procurar proteção, de tentar manter-se alheia a este tipo de acontecimento. É mais um retrato da sociedade brasileira acuada e conseqüentemente quase inteiramente inerte.

Proveniente deste surto de emoções gerado na protagonista do romance vem também a fusão dos acontecimentos que concernem à sua vida privada e ao âmbito público. Ela, como ser social, rompe esse limiar e, ao trazer suas problemáticas individuais, coloca como pauta de reflexão diferentes registros de práticas ideológicas coletivas. A rua é mostrada como um espaço público repleto de ameaças, onde atrocidades acontecem e não há como se proteger. Enquanto isso a casa é seu círculo privado, sua redoma de segurança.

Das preocupações relacionadas ao abrigo, podemos iniciar a análise sob a perspectiva de gênero da narrativa. O elemento maternal é inserido já nas primeiras ações da personagem. Ao presenciar a morte de um estudante, Dulce além de recorrer ao abrigo do lar procura seu analista, figura onipotente, capaz de lhe fornecer tranquilidade e serenidade. A figura da mãe vem logo depois. Praticamente todo o primeiro capítulo da obra é uma conversa telefônica entre mãe e filha, o fio do telefone serve de cordão umbilical, liga as duas não apenas pela comunicação, mas pelo suporte emocional. A mãe é quem escuta, quem partilha das lembranças e serve de polo tranquilizador. Mesmo que a personagem não esteja satisfeita com as reações e a cumplicidade materna, insiste em manter a ligação, em continuar seus devaneios tendo a mãe como interlocutora. O âmbito materno vem como o elo com o mundo real, a legitimação das memórias

² OLIVEIRA, Patrícia Rossi de. Memória e poder: lembranças de um tempo que não passou. **Vivência**, Florianópolis, n. , p.87-95, 10 ago. 2005, p.89.



retratadas por Dulce.

A questão de gênero também vem atrelada à analogia da mulher, centrada na figura da personagem Dulce, como a nação brasileira em si, no período da ditadura militar. Ela se mostra frágil, atônita frente à violência que presencia. Todos os elementos antes citados, referentes às fronteiras turvas entre o individual e o social, o privado e o público aparecem nesta analogia de gênero. No segundo capítulo da obra, a partir da fala das personagens coadjuvantes, a imagem da personagem principal a “Dulce nação” é então construída a partir do discurso de seu marido, dos filhos. Assim, o autor mostra que apesar da imposição autoritária de regras pelo regime ditatorial militar, a direção da sociedade brasileira pode ser delineada pelos civis a partir de articulações de resistência e oposição. Características consideradas primariamente femininas, tais como, fragilidade e insegurança frente a situações de conflito são trazidas com esta referência à nação, que se mostrava fragmentada e sem uma configuração política consistente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa histórica ainda é, a meu ver, o meio mais eficiente para o estudo de períodos específicos da existência de determinada sociedade. Visto que a teoria da história admite, mesmo que apenas há algumas décadas, o uso da literatura como fonte histórica, esta emerge como um instrumento alternativo à instrução por meio de manuais, eficiente para a compreensão didática.

Ao estudar os temas de ditadura, repressão e gênero, fui capaz de inferir que os resultados de cada análise dependem da configuração do olhar que é debruçado sobre eles. Esta temática é dotada de uma carga emocional imensa. Portanto, transformar fatos históricos em narrativas aproximam o leitor dos eventos e tornam a internalização do episódio e o raciocínio lógico muito mais “naturais”.

Em “*A Voz Submersa*”, Salim Miguel não faz um retrato explícito da sociedade brasileira da década de 1960, todas as referências e analogias encontradas estão nas chamadas “entrelinhas”. O seu discurso é ambíguo e muitas vezes confuso. Identificar os elementos



relacionados a um olhar de crítica social e análise política por meio do gênero é um exercício constante a cada página lida da narrativa.

Autoras como Edda Arzúa Ferreira, Iara de Oliveira e Patrícia Rossi também se debruçaram sobre o mesmo tema, porém cada uma sob uma perspectiva diferente, utilizando instrumentos de história catalogada e literatura acadêmica como referenciais consistentes à sua pesquisa. Salim Miguel teve sucesso no que se propôs, relatou a configuração política do país na ditadura ao usar inúmeros recursos literários: discurso, analogias, mensagens subliminares, manipulação da narração.

Mesmo com a recorrência do debate entre o sentido ficcional da literatura e a validade de seu elo com a pesquisa historiográfica, como bem tratado por Fernando Portela Vieira em seu artigo “A ficção como limite: reflexões sobre o diálogo entre história e literatura”³, o traço criativo se mostra como um canal que expõe a subjetividade de um campo (a pesquisa histórica) que parece evoluir em direção à tentativa de uma objetividade completa e científica. A utilização da produção literária vem como instrumento de equilíbrio ao, também comentado por Vieira, “paradigma iluminista” (assim tratado por Ciro Cardoso) e até mesmo cientificista no estudo de fatos históricos.

Apesar de um novo panorama de inserção da literatura na história, por meio de um emprego cada vez mais constante e explorado, criação de laboratórios de pesquisa no assunto e até mesmo eventos internacionais que envolvem a temática, ainda não é suficiente. As histórias e narrativas escritas em determinado período são capazes de ensinar minimamente sobre a configuração política, social e até mesmo econômica de uma época a ser examinada. Sua utilização deve se dar com cautela, extrapolações sem embasamento teórico real e consistente podem ser tornar meros devaneios sem validade filosófica, histórica e muito menos documental. Assim como examinamos periódicos, revistas, filmes, entrevistas, bases de dados, testemunho e documentos, um livro pode ser fonte de conteúdo não apenas cultural e de entretenimento mas também histórico e acadêmico.

³ VIEIRA, Fernando Gil Portela. A ficção como limite: reflexões sobre o diálogo entre história e literatura. **Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n. 17, p.13-31, nov. 2009. Disponível em: <http://www.anpuh-sc.org.br/revfront_17pdfs/art1_format_ficcao_como_limite_fernando.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2014.



A literatura de romance catarinense sob um olhar de ditadura e repressão: Salim Miguel e “A Voz Submersa” –
Bárbara Pilz

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Edda Arzúa. A voz submersa. **Travessia**, Florianópolis, v. 4, n. 10 , p.81-92, 03 jul. 1985.

MIGUEL, Salim. **A voz submersa**. São Paulo (SP): Global 1ª Ed.,1984. 199 p. (Coleção Múltipla)

OLIVEIRA, Iara de. **Ditadura e romance: vozes submersas de uma história sem fim**. 2004. Tese (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

OLIVEIRA, Patrícia Rossi de. memória e poder: lembranças de um tempo que não passou. **Vivência**, Florianópolis, n. , p.87-95, 10 ago. 2005.

SILVA, Marcos. **Brasil, 1964 - 1968: A ditadura já era ditadura..** São Paulo: Lcte, 2006. 272 p.

VIEIRA, Fernando Gil Portela. A ficção como limite: reflexões sobre o diálogo entre história e literatura. **Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n. 17, p.13-31, nov. 2009. Disponível em: <http://www.anpuh-sc.org.br/revfront_17pdfs/art1_format_ficcao_como_limite_fernando.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2014.

Recebido em 01 de novembro de 2013

Aceito para publicação em 18 de fevereiro de 2014

